



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Fundação
Joaquim
Nabuco 

UPE
UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE**

CLARICE DE MELO ANDRADE

**CLUBE ATLÂNTICO OLINDENSE
DA SALA DE ESTAR AO ORIGINAL OLINDA STYLE**

Recife

2016

CLARICE DE MELO ANDRADE

CLUBE ATLÂNTICO OLINDENSE
DA SALA DE ESTAR AO ORIGINAL OLINDA STYLE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com o Ministério da Cultura, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade de Pernambuco e a Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, como requisito para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Orientador: Denizá Barbosa Rodrigues

Recife

2016

CLARICE DE MELO ANDRADE

CLUBE ATLÂNTICO OLINDENSE
DA SALA DE ESTAR AO ORIGINAL OLINDA STYLE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para
obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Dedico este artigo à Olinda.
A cidade que me deu uma profissão.

ANDRADE, Clarice. Clube Atlântico Olindense: da Sala de Estar ao Original Olinda Style. (30 páginas) p. il. 2016. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Em Olinda, na beira da praia do Carmo, um Clube fomenta, desde o início do século XX, a vida cultural da cidade. O Clube Atlântico de Olindense é a única casa de shows do Sítio Histórico de Olinda que comporta um público aproximado de 1000 pessoas e funciona de forma regular. A tradição do Clube, sua localização e falta de equipamentos culturais de seu porte, transformam o espaço no principal palco permanente de Olinda para música. Interagindo e fortalecendo o calendário cultural da cidade e trabalhando atividades de diferentes gêneros, sobretudo musicais. O objetivo desse estudo foi realizar um comparativo entre os usos observados através das séries históricas do Boletim do Atlântico (nº 01 a 06 – 1953; nº 05 – 1956; nº 07 e 09 – 1957); e a pauta do Clube no ano de 2016. Foi realizada uma pesquisa documental especialmente no acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães (Olinda-PE), com metodologia do tipo qualitativa, fundamentada em uma análise de casos e uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Clube Atlântico Olindense. Boletim do Atlântico. Equipamento Cultural. Casa de Espetáculo.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	BREVE HISTÓRICO DO CLUBE ATLÂNTICO OLINDENSE	9
3.	BOLETIM DO ATLÂNTICO	13
4.	ESTUDO DA PAUTA: PROCEDIMENTOS E USOS	17
4.1	DESAFIOS DA GESTÃO DO EQUIPAMENTO	17
4.2	ESTUDO DA PAUTA	20
5.	CONCLUSÃO: A PERMANÊNCIA DO USO MÚLTIPLO DO BOLETIM ATLÂNTICO AO ORIGINAL OLINDA STYLE.	23
6.	BIBLIOGRAFIA	29

1. Introdução

O presente estudo relaciona comparativamente as atividades e usos do Clube Atlântico Olindense através da análise da pauta do Clube no ano de 2016 e das séries históricas do Boletim do Atlântico (nº 01 a 06 – 1953; nº 05 – 1956; nº 07 e 09 – 1957). A utilização de uma fonte primária como base para a promoção deste estudo oferece um olhar mais aprofundado sobre questões muitas vezes não tangíveis e defrontadas apenas durante o exercício da pesquisa de campo documental.

O que nos vale uma primeira menção, relativa a ausência de documentos que provavelmente poderiam nos render diferentes questionamentos e novas possibilidades de respostas, levando a outros rumos a presente pesquisa. Devido ao extravio, parte dessa memória antiga e mais recente não pode ser analisada o que nos remete à condição de acomodação e valorização do acervo documental nas instituições culturais brasileiras. No caso do presente estudo, existe uma perda na descrição dos usos e comportamento dos usuários do Clube Atlântico, nas duas as faixas temporais. No exercício constante de revisão e análise das fontes, confidências foram feitas pelos documentos em resposta aos questionamentos trazidos pelo insistente olhar da pesquisadora que se aventurou no mundo dos arquivos, feito de pó e tempo a procura de respostas – “pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH: 2002, 79).

Como resultado dessa aventura pudemos comparar as atividades e usos predominantes do Clube Atlântico Olindense nas séries históricas de 2016 com os anos de 1953, 1956 e 1957, identificando a programação usual, bem como os usos presentes nos dois espaços temporais.

No primeiro capítulo é apresentada uma breve descrição do Clube Atlântico Olindense, contando sua história, atentando as suas características geográficas e sociais ligadas ao seu surgimento. Aqui ainda faço um relato da atividade do clube, em seus tempos históricos de maior relevância.

O segundo capítulo trata do segundo recorte temporal escolhido neste estudo, as séries históricas do Boletim do Atlântico (nº 01 a 06 – 1953; nº 05 – 1956; nº 07 e 09 – 1957). O Boletim do Atlântico foi uma publicação escrita e editada pelo próprio Clube Atlântico para comunicar suas atividades, divulgação de crônicas e

informações sobre Olinda. O primeiro momento foi o surgimento da publicação e os dois momentos seguintes foram tentativas de retomada da mesma. Somente em 1953, por seis meses, a publicação teve periodicidade mensal. Nos recortes seguintes, já não se publicou mês a mês, mas preservou relatos e descrição dos usos mais frequentes. Neste capítulo inicio a identificação da programação de usos do equipamento, dentro do recorte temporal da série histórica acima determinada, com descrição de cada período e breve análise dos textos do Boletim.

No terceiro capítulo faz-se ao recorte temporal escolhido para o estudo da pauta, que foi o ano de 2016 (de janeiro a dezembro). Destaco o uso múltiplo do equipamento cultural, com ênfase na atividade de shows e festas. Neste Capítulo subdividimos o relato em dois itens; Desafios da Gestão e Estudo da Pauta. Através deste caminho descrevo a atividade atual do Clube Atlântico Olindense, seguindo a identificação dos principais usos, agora neste novo recorte temporal.

No quarto e último capítulo, passo às considerações finais realizando o estudo comparativo das séries históricas e da identificação dos usos presentes em ambos recortes temporais. Além da identificação de usos extintos e o apontamento de um possível direcionamento de uso futuro.

2. Breve Histórico do Clube Atlântico Olindense

O Clube Atlântico Olindense é um equipamento cultural administrado pela Prefeitura de Olinda, através da Secretaria de Patrimônio e Cultura. Situado no número 750 da avenida Sigismundo Gonçalves, em seu nascimento, na década de 1940, era a sede social de um clube voltado à família olindense. Funcionava de forma associativa e foi na gestão de Gerson Antunes que o imóvel foi adquirido. A compra foi feita a Otoniel Pereira Dantas. Àquela época, foram realizadas campanhas do Tijolo, da Coberta e do Cimento com finalidade de arrecadar fundos e doações para a reforma do edifício. As campanhas eram realizadas especialmente entre os sócios, mas também eram abertas a outras participações. Assim, em 16 de outubro de 1948 foi inaugurada a sede do Clube Atlântico Olindense: um espaço com palco, área de dança, cozinha e ambiente acolhedor para reunir a família mais tradicional e intelectualizada de Olinda.

A proposta era de um clube familiar. Neste momento procurou-se estruturar a participação feminina nas atividades do clube e sua diretoria garantia o controle social especialmente com as moças que frequentavam as festas dançantes e atividades esportivas, através de um departamento específico chamado Feminino-Atlântica. Era neste setor que os sócios deveriam registrar as suas esposas e filhas, numa orientação à preservação do pudor feminino, bem típico da época.

Conforme matéria do jornal Folha de Pernambuco de 16 de outubro de 1988, a programação do Clube era diversificada

Sempre voltada à cultura e aos entretenimentos, a reunir a nata da sociedade do “burgo duartino” organizada por um corpo social onde figuravam personalidades da sociedade olindense, entre eles Manoel Antunes, Gerson Albuquerque Gadelha, Adolfo Manta, Pôrto da Silveira, Josaphat Rosas, Júlio Cavalcanti etc. Além dos diretores como Romildo Moreira, Carlos Sarmiento, Pedro Padilha, Nestor Frota, Beroaldo Guimarães, Hélio Pina, João Coelho, José Mário Serrano, Sabino Rodrigues e Mário Gonçalves

O Clube Atlântico Olindense tem uma localização privilegiada, na orla do Carmo. Um bairro de confluência entre a Cidade antiga e sua parte mais recente e que desde o início do século XX, representa um polo de grande movimentação cultural. Conforme relato da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda – FCPSHO - o prédio abrigou atividades culturais diversificadas.

Na década de 1920 foi o primeiro cinema de Olinda – Cinema Guarani. As exibições aconteciam duas vezes por semana, exclusivamente para sócios, sendo um dia para adultos e outro para crianças. Na década seguinte, agregado a um projeto de urbanização que transformaria o bairro do Carmo em um balneário, o Cinema Guarani transformou-se no América Guarany que era uma espécie de casa de espetáculos, servindo ao funcionamento de um pastoril.

Por balneário se podia chamar uma espécie de casa ou quarto onde se alugavam roupas de banho (maiôs e calções) e onde se podia tomar banho de água doce para pegar o ônibus de volta da praia. Funcionários da prefeitura ajudavam os banhistas no mar e cordas eram fixadas na areia e seguiam mar adentro. A prefeitura de Olinda concedeu licença para a obra do balneário, em 1931, no documento os equipamentos planejados não eram somente as casa/quartos de banho, mas um grande balneário com salão de jogos. Já neste planejamento existia a intenção de que o empreendimento trouxesse desenvolvimento e progresso à cidade que inquestionavelmente já era uma estação de verão para Pernambuco, atraindo famílias de Recife e de outras localidades do estado.

Figura 1 – Largo da Praça do Carmo em Olinda, Olinda, 1930



Fonte: Antônio Oliveira

Depois do América Guarani, o local passou a ser um Cassino (sendo primeiro chamado, Olinda Cassino e, depois, América Cassino). Sua maior procura era nas épocas de veraneio, quando eram oferecidas atividades desportivas e de lazer como bar, restaurante, shows e baile. O Cassino tinha um público cativo de militares americanos pertencentes à Quarta Frota, sediada em Olinda no período final da II Guerra Mundial.

A transformação para o Clube Atlântico Olindense se deu quando o antigo cassino foi arrendado, em 1945, para dar lugar a atividades esportivas e recreativas da sociedade olindense. A primeira festa foi um baile a rigor. De ali em diante, eram festas beneficentes, bailes e festejos carnavalescos, espetáculos do Teatro de Amadores Olindense, transmissões de rádio, chanchadas e um Cinema que funcionava uma vez por semana. Já neste momento se percebe que o uso múltiplo do equipamento marca a rotina de atividades do Clube, modalidade que se perpetua até os tempos atuais. Na década seguinte, 1950, A diretoria do Clube se comunicava com seu público através do Boletim Atlântico que servia para divulgar as atividades desenvolvidas no Clube.

Na década de 1970, o clube trocou de nome e passou a se chamar Forró Cheiro do Povo. No local aconteciam shows dançantes todas as sextas-feiras, com contratados ilustres como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Marinês, Camarão e Trio Nordestino. O Forró Cheiro do Povo era frequentado pela juventude universitária do Recife, pelos profissionais liberais, jornalistas, artistas, além de inúmeros integrantes da então chamada esquerda festiva. É importante relacionar estas atividades ao período histórico de ditadura vivenciado no Brasil. Enquanto havia um endurecimento do regime no Recife, houve neste período e também na década de 70 uma migração de artistas e intelectuais à Olinda. Em 1979 através do Decreto 037/79 o clube é declarado de utilidade pública.

No final da década de 1980, houve uma volta ao nome original e à atividade de múltiplos usos com um viés mais específico para festas e shows como bailes carnavalescos, festas juninas e festas do funcionalismo público municipal. Na mesma linha de eventos de realização perene, como o Forró Cheiro do Povo, as Noites Olindenses ficaram famosas e animaram a cidade trazendo público também de Recife. Fora as festas, o clube abrigou seminários, palestras e o Cine Bajado. Bajado era um artista que viveu em Olinda, de pintura naif que, além de telas, abria letreiros e propagandas no seu estilo próprio. Ao chegar em Olinda foi morar no Cinema, ao

lado do Clube Atlântico Olindense e quando este edifício já não oferecia condições de moradia e nem de exibição de películas, passou a exibi-las no Clube Atlântico. Bajado era um personagem muito querido em Olinda e a época do Cine Bajado é contada com carinho pelos Olindenses que chegaram a vivê-la.

Já desde o início de seu funcionamento como clube, se destaca o período do veraneio como principal época do ano para suas atividades. “A primeira festa de sucesso como era chamada por todos, foi o réveillon de 1945” (CAVALCANTI: 2012, 48). Gilberto Freyre em seu “Segundo Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade Brasileira” avisa que quando começou a moda dos banhos de mar em Pernambuco, a praia escolhida pelos Recifenses foi Olinda. A cidade “começou a se encher de outubro até o carnaval” (FREYRE: 2007, 411) eram pessoas do Recife e também dos engenhos do interior de Pernambuco. Atualmente a ocupação e a atividade cultural de Olinda segue mais intensa nos meses de verão e se dispersa após o aniversário da cidade em 12 de março, especialmente aos domingos e sextas-feiras.

3. Boletim do Atlântico

O Boletim do Atlântico, era um informe que publicava tudo o que acontecia na sede social do Clube. Entrou em circulação em 1 de maio de 1953, no formato de um impresso 24cm X 16cm com quatro páginas, com título colorido que foi publicado por apenas um ano. A publicação era orientada por Josaphat Rosas, escrito na redação que funcionava na sede social do Clube Atlântico Olindense. Segundo a nota “Razão de Ser”¹, o Boletim tinha como finalidade ser a voz do clube junto aos seus associados e amigos. Teve seis edições ininterruptas, de maio a outubro de 1953. E após este período publicou-se outras edições, em 1956 e 1957, mas sem a continuidade dos primeiros meses. No Arquivo Publico Antonino de Guimarães, existem registros de comunicação esporádica do Clube Atlântico para dar publicidade a sua programação, no ano de 1952.

Segundo Nascimento (2002), em seu XIII Volume da História da Imprensa de Pernambuco, o boletim se extinguiu no final de 1954. Já o Arquivo Público Antonino de Guimarães, possui relatos da FCPSHO que transcrevem publicações de setembro a dezembro de 1956 e agosto e setembro de 1957. O Boletim Atlântico era a publicação oficial do Clube Atlântico Olindense. A “Galeria dos Sócios” abria o folheto com conteúdo de noticiário social e balanço financeiro do clube.

Em alguns números publicou crônicas de Luiz Delgado, Barreto Guimarães e outros escritores Olindenses. Na seção das notícias sociais, revela uma grande gama de atividades sociais e culturais desenvolvidas no Clube Atlântico que iam desde a realização de concurso de Miss Pernambuco, abertura de Jogos Escolares a atividades filantrópicas do Rotery Club. Especialmente se pode notar uma preocupação com os valores da família, sendo chamado de “sala de visitas de Olinda”², numa clara ampliação da vida familiar que era esperada na frequência do clube. Afinal, como a extensão de sua casa, somente os conhecidos, foram escolhido como convidados. Nesta década pode-se encontrar o primeiro registro de realização de prévias carnavalescas com fins de arrecadação de fundos para os desfiles momescos.

¹ Boletim do Atlântico nº: 1. Ano I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1953.

² Boletim do Atlântico nº: 6. Ano I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1953.

A publicação reflete o status social Olindense que espera transpor os encontros familiares de uma classe social mais abastada e intelectualmente influente ao espaço social proposto pelo Clube. Este retrato da classe frequentadora do Clube Atlântico Olindense se revela com a arrecadação para a reforma da sede, com o estímulo à aquisição de carteiras familiares de sócios, com a existência do próprio Boletim do Atlântico, que tem sua redação funcionando na sede do Clube e com a participação de intelectuais, escritores e poetas Olindenses.

O Boletim que deu voz ao Clube Atlântico, na verdade, deu voz à sala de estar de uma classe social influente e propagou ideias e hábitos de um segmento social que se enxergava na publicação. Acabava funcionando como uma coluna de costumes, de importância bem mais ampla que a simples divulgação das atividades socioculturais, mas ampliava seu espectro sendo vitrine da família média Olindense.

Ao delimitar o público frequentador do Clube Atlântico ao universo de seus sócios, se limitava frequência aos pares, aos iguais. Neste sentido a analogia à sala de visitas procede especialmente na manutenção da convivência destes amigos e conviveres íntimos que podiam estar nesta sala, convidados afinal à extensão dos lares que era o Clube Atlântico Olindense. No Boletim do Atlântico este recorte se reflete na narrativa informal, com cita de sobrenomes e instituições cercanas à frequência do Clube. Em alguns momentos a linguagem era irônica, em outros saudosista.

O caráter restritivo e privado aparece especialmente na exigência da carteira de sócio, no Boletim do Atlântico número 6 ano I. Mas a restrição a este público está presente à narrativa do quase todos os números do boletim, seja como exigência para entrada no cinema (uma das principais atividades do Clube Atlântico) seja para as atividades infantis (destinadas aos filhos dos sócios). Mesmo quando a atividade do clube estava ligada à atividade que acontecia na Praça do Carmo, onde existe até hoje um coreto, a carteira de sócio aparecia como exigência para a entrada no clube.

Outra característica interessante na narrativa do Boletim do Atlântico e também de outras publicações da época era a concorrência com a atividade sócio cultural do Recife. Percebe-se a vontade de ter uma programação Olindense, mas se apresenta as características de cidade dormitório que perdeu seu público para o entretenimento do Recife. O caso dos cinemas acaba se tornando emblemático. Artigos em jornais de circulação local como o “Cidade Alta” e “O Veranista” destacam a perda do cinema olindense em detrimento da perda de público para o Recife.

Esta relação de competição nada mais significava do que o amor, a relação afetiva dos Olindenses com sua cidade. Olinda foi a capital de Pernambuco quando província, antes de Recife. Para os Olindenses esta condição não parece ter mudado e a comparação nada mais significa que este amor.

É importante salientar que estas famílias realizavam a maioria das atividades do clube, assim como escreviam o Boletim. Num movimento de retroalimentação de atividades e público. Até hoje algumas das tradicionais famílias Olindenses estão por trás das principais agremiações carnavalescas, procissões e irmandades, especialmente no Sítio Histórico de Olinda.

Os principais usos encontrados no referido período de 1950 foram os de cinema, infantil (bingo, tardes de jogos, matinê etc), esportivos (com integração ao parque do Carmo para footing e esportes náuticos), reuniões/conferências, saraus, festas dançantes, encontros para jogos de tabuleiro, discoteca, biblioteca, shows e eventos beneficentes/religiosos, festas carnavalescas, desfiles de moda, concursos de beleza. Não é possível quantificar ou estabelecer uma frequência periódica das atividades, pois não foram encontrados registros de pauta. Uma vez que este estudo se detém ao universo das séries históricas do Boletim do Atlântico, como instrumento de comunicação.

No ano de 1953 prevaleceram os usos de cinema, eventos infantis, esportivos (corridas, footing e esportes náuticos), reuniões/conferências, saraus, encontros para jogos de tabuleiro, discoteca, biblioteca, shows e eventos beneficentes/religiosos. Chama atenção o uso de biblioteca, que aparece no Boletim do Atlântico de número 04, justificando seu ordenamento, mas não volta a ser divulgado. Destaco também a diferença entre discoteca e festa dançante, pelo próprio estilo musical executado. No caso da discoteca, o baile era solto e livre enquanto na festa dançante a análise do texto do boletim sugere uma dança junta, par a par, num estilo mais tradicional assemelhado ao baile de salão.

O primeiro número do Boletim do Atlântico resgata a história da fundação do clube, em 1945 através da matéria “Um passado de Trabalho e Construção e um Presente de Garantia e Renovação”. No segundo número publicou-se o Programa para o mês de Junho, com datas e sete atividades diferentes oferecidas aos sócios. No terceiro número publicou-se o Programa para o mês de Julho, com datas e quatro atividades diferentes oferecidas aos sócios, destaco o programa de Cinema com

quatro exposições de filmes distintos. No quarto número, o Boletim trata da reorganização de sua biblioteca e solicita novas doações.

O quinto número fez um grande balanço financeiro do Clube com registros de despesas datados de 1945, divulga a ata da reorganização do clube do mesmo ano. Faz um resgate das gestões passadas até o ano de 1953. Neste número as atividades são divulgadas em forma de texto corrido, sem o formato de programa visto nos números dois e três. Eram saraus promovidos pela alas das moças, discoteca, jogos de tabuleiro e ida ao clube após footing na Praça do Carmo.

Na última edição do periódico no ano de 1953, o Boletim do Atlântico clama pela volta da sociedade ao clube, propondo uma quebra no marasmo, indiferença e apatia que atingiu a vida social do Clube Atlântico Olindense, abandonou mais uma vez o formato programático e em texto corrido divulgou as seções de cinema, informando que as carteiras de sócios seriam exigidas rigorosamente.

Em 1956, depois de uma pausa de três anos, o Boletim do Atlântico referia-se ao período dos meses de setembro a dezembro, o veraneio. E apareceram a divulgação de três novidades, desfiles de moda, concursos de beleza e festas carnavalescas. Os concursos eram de Rainha da Primavera e Miss Pernambuco. Os eventos carnavalescos estavam anunciados para o carnaval que se seguia, de 1957, e previam programa de domingo a terça com manhã de sol (bailes realizados no período matutino) e matinê infantil realizada na segunda-feira. O clube seria ornamentado e tinha orquestra de frevo contratada. Além das festas no carnaval, como prévia foi realizado o Baile da agremiação Donzelinhos dos Milagres. Aparecem também os usos esportivos e de reunião.

Em 1957, as publicações acessadas do Boletim do Atlântico foram nos meses de agosto e setembro. Em agosto se realizou mais uma edição do concurso de Rainha da Primavera, além de discoteca e cinema – filme romântico. A edição de setembro chamou para a manhã de sol da Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos 4 Cantos. Na referida publicação destaque a cobrança de taxa particular para arrecadação da agremiação (comumente as contribuições a agremiações carnavalescas eram feitas principalmente através de doações, registradas em livro de ouro) e a inauguração do Salão Azul que inicia o novo uso de salão de restaurante, registrado no Boletim do Atlântico esta única vez.

4. Estudo da Pauta: Procedimentos e Usos

4.1 Desafios da Gestão do Equipamento

O Clube Atlântico Olindense é ligado diretamente à Secretaria de Patrimônio e Cultura, à sua Diretoria de Cultura. Dentro do organograma da Secretaria não existe um gerente para o espaço, mas um gerente de equipamentos que cuida de uma rede com 12 equipamentos culturais vinculados a esta pasta.

Atualmente é a única casa de shows do Sítio Histórico de Olinda que comporta um público aproximado de 1000 pessoas e funcionou de forma regular até 2016. A tradição multiuso do Clube, sua localização e falta de equipamentos culturais de seu porte, transformam o espaço no principal palco permanente de Olinda para música. Interagindo e fortalecendo o calendário cultural da cidade e trabalhando diferentes gêneros musicais e grupos culturais de diferentes direcionamentos artísticos. O Clube também tem um papel social importante e é constantemente procurado para abrigar atividades com usos que não são culturais como seminários, assembleias sindicais, convenções partidárias etc.

Figura 2 – Visão aérea do Clube Atlântico Olindense



Fonte: Acervo Secretaria de Patrimônio e Cultura de Olinda.

É importante esclarecer que conforme a Lei Municipal 4849/92, que regulamenta o uso do solo nos Sítios Históricos de Olinda, o Clube Atlântico está sediado numa zona de interesse turístico, dentro do Polígono de Tombamento do Sítio

Histórico de Olinda, na orla da praia do Carmo, conforme ilustra o mapa acima. O clube tem um papel tão importante para a vida cultural da cidade que seria interessante que existisse um plano de gestão ou um estudo de atividades compatíveis ao espaço, para que seu funcionamento estivesse a contento com as expectativas de seus usuários; tanto público quanto realizadores. Assim mesmo, o Clube Atlântico Olindense é parte afetiva da cidade, o vento fresco do mar e o acesso fácil e central fazem dele um atrativo para moradores, turistas e visitantes. O equipamento é como um organismo vivo de Olinda que se comunica e transparece assim seus usos mais frequente e assim produz signos para seus usuários.

O território sede do Clube Atlântico Olindense nada nas águas dos signos emitidos dinamicamente pelos produtores culturais, mas também nos símbolos cristalizados pelos conceitos da cidade patrimônio; edificados ou não. Movimenta grupos culturais dos mais variados que dialogam e competem de forma a tecer uma colcha com diferentes tecidos culturais que vão desde as tradicionais prévias carnavalescas a festas com DJs, mitos locais da cena Brega e artistas de renome local e às vezes nacionais. Ampliando a oferta cultural tanto para Olinda quanto das cidades vizinhas, numa resposta ao crescimento urbano e à diversificação do público.

Neste caminho a cena cultural de Olinda, especialmente a cena musical construiu um conceito de modo de viver e de se expressar que seria típico da juventude olindense, eram os anos da última década do século XX – início do século XXI e a banda Eddie passa a utilizar o termo Original Olinda Style para se definir musicalmente, enquanto estilo sonoro. Com o fortalecimento da banda e a ampliação de seu público - através da gravação de CDs, divulgação em mídias oficiais e alternativas, o incremento do número de shows e a migração desta para São Paulo - o termo passa a ser conhecido e vinculado a um estilo de vida do jovem olindense. Mesmo em 2017, segue utilizado tanto pela banda Eddie quanto por outras bandas e também por seu público.

O Clube Atlântico tem características arquitetônicas bem parecidas com outros clubes de bairro como o Clube das Pás Douradas e o Clube Bela Vista, ambos situados no Recife. Entrada ampla, um salão frontal de piso rebaixado, laterais mais altas como se fossem feitas para abrigar mesas, um palco fixo. À sua volta, oitões laterais, um terraço frontal descoberto e na parte posterior uma área coberta para bar e um terraço descoberto. Possui baterias de banheiros femininos, masculinos e um

banheiro acessível, rampas de acessibilidade, bilheteria, camarins, um pequeno depósito.

Figura 3 – Fachada do Clube Atlântico Olindense



Fotografia: Google Street View

Do ponto de vista da conservação, sofre com o deslizamento de telhas, tanto pela trepidação em virtude dos veículos automotivos que trafegam na Avenida Sigismundo Gonçalves, quanto pela própria emissão das ondas sonoras decorrente das atividades ali realizadas. Além do relatado problema com a coberta, existem problemas em algumas lajes e a cada chuva e ventos fortes o Clube Atlântico Olindense carece de revisão e reparos de emergência. As baterias de banheiros não são suficientes para atender ao público que a casa comporta e em casos de lotação é necessária a colocação de cabines sanitárias químicas. Em caso de utilização de equipamentos de som e iluminação cênicos, é necessária a colocação de núcleo gerador de energia.

O insuficiente quadro de servidores da Prefeitura de Olinda também interfere na conservação do imóvel, que sofre com a ação de vândalos tanto por falta de fiscalização e acompanhamento nas atividades, quanto por falta de vigilância no imóvel.

Existe um projeto elaborado pela Secretaria Executiva de Patrimônio de Olinda para a requalificação da coberta, banheiros e reconstrução da estrutura fixa para bar – reformulada na edição da Casa Cor Olinda (2011), ainda sem previsão orçamentária para realização.

4.2 Estudo da Pauta

Embora com sérias dificuldades o Atlântico vai vencendo o tempo... E o Atlântico vence, vence sempre as dificuldades que lhe são posta a frente...

Vence... vence e marcha galhardamente, numa atitude de que não se intimida com a indiferença... indiferença é amargor, mas que, por isto mesmo, Ilhe retembra a fibra.
(Boletim do Atlântico nº 6, ano I)

A Pauta do Clube Atlântico Olindense é regulamentada pelo Decreto 096/2002. No instrumento são previstos os usos de mais dois equipamentos públicos municipais: o Mercado Eufrásio Barbosa e o Teatro Fernando de Santa Cruz. Estes outros equipamentos encontram-se em obra de requalificação. Quando a atividade é autorizada a acontecer são firmados termos de seção.

A pauta é garantida pela entrada do documento na Secretaria de Patrimônio e Cultura (data e hora de protocolo), mas por uma orientação da última gestão 2013-2016, nos meses de janeiro e fevereiro são priorizadas as atividades carnavalescas. Estas atividades são eventos festivos, mais ou menos tradicionais e têm como finalidade a divulgação das agremiações e a arrecadação de recursos para as saídas anuais. É importante esclarecer que o carnaval de Olinda é um festejo de rua, sem cobrança de ingresso e sem cordão de isolamento, as festas realizadas custeiam o pagamento das despesas para a saída das agremiações (orquestra, boneco, bonequeiro, porta estandarte, cordeiros para o isolamento da orquestra, confecção de camisetas etc). As agremiações mais tradicionais e com maior identidade com comunidades periféricas, geralmente encerram seus festejos com o desfile da agremiação pelas ruas da cidade. Um dos fatores de desempate, no caso da concorrência pela mesma data, pode ser a tradição de realização da prévia. O dia mais concorrido para a realização destas atividades é o domingo.

Por se tratar de um equipamento público, o Clube tem um certo resguardo da atuação do mercado de casas de espetáculos, tanto no valor cobrado na pauta, quanto na participação ampla dos realizadores. São garantidas as produções artísticas (festas, shows, prévias carnavalescas e juninas), atividades formativas e políticas (seminários, oficinas, convenções etc), através da democratização da pauta.

Uma vez que a pauta é garantida pela entrada de documento, não existe nenhum direcionamento artístico das atividades propostas para o espaço. Desde que tenham entrado oficialmente na Secretaria de Patrimônio e Cultura, através de protocolo, estejam devidamente assinadas e que cumpram as exigências de segurança, capacidade de público e legislação vigente as atividades devem ser autorizadas. Sendo assim, não existe um direcionamento das atividades propostas, a finalidade cultural não é definida pela gestão. O formato administrativo adotado também dificulta atividades com características de repetição, mensal ou semanal por exemplo, uma vez que não se pode reservar a pauta com mais de 60 dias de antecedência. Assim uma atividade que deseje acontecer mensalmente, submete-se ao mesmo processo a cada edição.

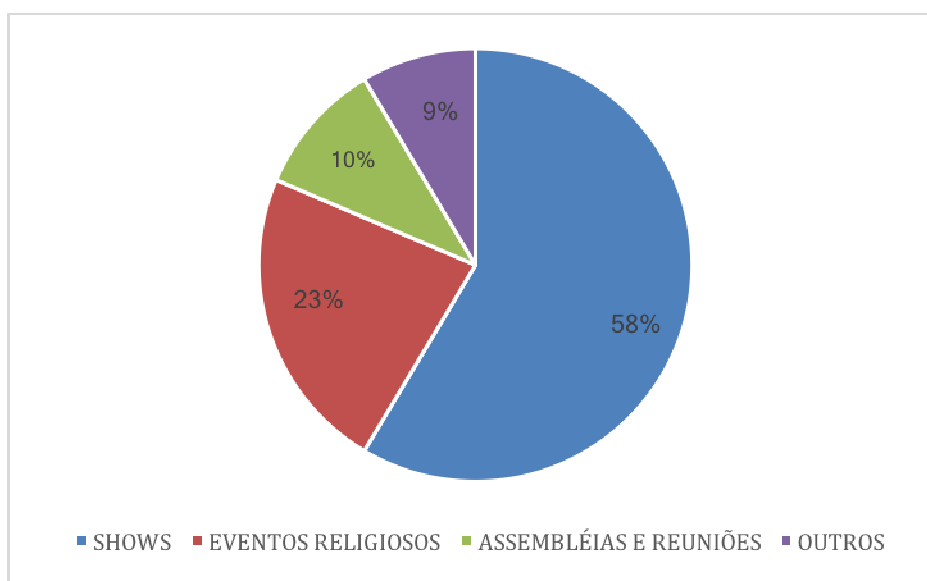
A formação da identidade de usos do Clube Atlântico Olindense, sempre foi diversificada e permanece desta forma. A própria falta de outros equipamentos para eventos (culturais ou não) estimula a diversificação de usos e dificulta o seu direcionamento. Mas ao analisar a procura mais frequente, com maior participação de público e que se relaciona mais profundamente com a movimentação sócio cultural da cidade, poderia arriscar o direcionamento e a efetiva adoção do uso oficial de casa de espetáculos, mesmo sendo chamado de Clube. Este uso, embora acompanhe o ritmo frenético das novas sensações e breves felicidades pós-modernas, acompanha também o caminhar lento das subidas de ladeiras, se relaciona com o morador do Sítio Histórico (com todos os conflitos provenientes; poluição sonora, controle de ambulantes e tráfego de veículos, excesso de drogas lícitas e ilícitas etc) e com seus visitantes e turistas. Além de promover o segmento cultural de música e carnaval em Olinda.

O uso mais comum do Clube Atlântico Olindense é o de Show, dentro deste recorde estão inseridas as prévias carnavalescas, que programam suas atividades sempre com atrações musicais. Considerando que o ano de 2016 foi de eleições municipais, podemos destacar também a presença de assembleias e reuniões, com a realização constante de assembleias dos sindicatos mais atuantes na cidade (SISMO - Sindicato dos Servidores Municipais de Olinda e SINPMOL - Sindicato dos Professores da Rede Municipal de Olinda). Outro recorte interessante é o de eventos religiosos, esta atividade se destaca, sendo maior do que a atividade de reuniões e assembleias, porque existe um louvor semanal que acontece todas as terças-feiras no Clube, numa exceção à política de pautas adotada pelas últimas gestões municipais.

Assim, embora a atividade não tenha impacto quantitativo de público, nem de divulgação ou mesmo de controle urbano, ela acontece regularmente e acaba por elevar o percentual deste tipo de atividade.

Assim, ao todo em 2016 foram realizados 53 eventos com shows musicais, 33 eventos religiosos, 17 reuniões e assembleias e 12 atividades diversas como torneios esportivos, festas de escolas, formaturas universitárias etc. A pauta do mês de fevereiro não foi fornecida pela Secretaria de Patrimônio e Cultura e 12 pautas foram canceladas por seus pleiteantes durante o ano.

Gráfico 1 – Principais usos contemporâneos do Clube Atlântico Olindense



Fonte: Cruzamento de Pautas do Clube Atlântico

5. Conclusões: A permanência do uso múltiplo do Boletim Atlântico ao Original Olinda Style.

O Clube Atlântico Olindense começa sua vida de forma associativa liderado por um grupo de sócios que compunham sua diretoria, passa por algumas crises e mesmo sendo declarado de Utilidade Pública (que reduz sua carga tributária de forma importante) acaba sendo adquirido pela Prefeitura de Olinda.

Retomo este pequeno desenho somente para situar este caminho frequente nos equipamentos culturais no Brasil. Olinda não tem em 2017 uma casa de show privada com todas as licenças que comporte 1000 pessoas. E mesmo Recife, a capital do estado deve ter poucas. Este segmento merece um levantamento para real dimensionamento e conhecimento das casas que possuam todas as licenças de funcionamento ou que estejam regulares com os órgãos de controle de segurança (CREA – Conselho Regional de Engenharia, Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária etc).

A falta deste tipo de equipamento cultural levou ao aparecimento de casas de show temporárias durante o período específico do carnaval e acabou por motivar sua proibição dentro do polígono de tombamento do Sítio Histórico de Olinda, e provocou uma alteração na Lei do Carnaval, transformando-a na Lei Municipal 5927/2015.

Este caminho tortuoso e de difícil caminhar como a própria geografia da cidade patrimônio é ainda mais árduo para um equipamento gerido pelo serviço público, que precisa optar entre a democracia excessiva - que a carreta na não definição de um direcionamento - ou no próprio direcionamento, que deixaria sem abrigo várias atividades que acontecem regularmente no Clube Atlântico de Olinda desde seu surgimento.

Se o formato atual garante o caráter democrático da proposição de atividades, acaba dificultando o direcionamento artístico e mesmo uma caracterização da identidade do equipamento. O procedimento adotado, regulamenta administrativamente a realização de atividades no Clube, mas não se pode verificar o direcionamento e/ou estímulo às atividades culturais específicas, uma vez que o fator determinante pelo cumprimento do trâmite burocrático se inicia com a entrada de um ofício na Secretaria de Patrimônio e Cultura.

A própria relação com o calendário de atividades culturais de Olinda, só é estimulada no período carnavalesco. Ao escolher o caminho de proteção do princípio geral da democratização da pauta, o órgão gestor acaba por não conseguir programar e direcionar a atividade artística do Clube Atlântico Olindense, o que corrobora com a falta de planejamento, conservação e identidade para o Clube Atlântico Olindense neste novo século.

A condição de equipamento único na região do Carmo data do surgimento do Clube com a extinção do Cassino e se repete atualmente. No bairro existe uma casa de espetáculos chamada Manny Deck Bar, mas não tem a capacidade do Clube Atlântico. A própria Lei Municipal 4849/92, que regulamenta o uso do solo nos Sítios Históricos de Olinda estimula as atividades com fins de diversão na faixa da praia, que pode se relacionar com o balneário da década de 1930, mas não as permite na área do Carmo que sobe as ladeiras. O porte do casario, a legislação de proteção ao patrimônio e a não identificação das atividades de diversão como importante fonte de emprego e renda também podem ser considerados entraves a uma maior exploração delas na região.

Observando as atividades frequentes, na década de 1950 se pode perceber que várias delas se repetem em 2016, como é o caso das atividades musicais, prévias carnavalescas, atividades desportivas e de reuniões. Algumas outras deixam de acontecer como são os casos dos concursos de beleza, de biblioteca e de restaurante, estas duas últimas relatadas apenas uma vez. Outras atividades típicas de clubes associativos também se extinguem como é o caso da prática de jogos de tabuleiro. É importante relacionar estas atividades ao público restrito que a organização de clube social, de forma privada, proporcionava ao Atlântico. A comunhão de famílias conhecidas, a programação proposta ao público restrito fazia com que todas as atividades do clube fossem reuniões, do ponto de vista de estar com pessoas conhecidas que se relacionam sempre.

De forma criar conceitos aproximados, agrupei os usos similares da década de 1950 e comparei aos usos do ano de 2016, destacando similaridades e divergências, conforme segue:

Tabela 1 – Comparativo de usos nas séries históricas da década de 1950 x 2016

1. Principais Usos Correspondentes	
Década de 1950	2016
Discotecas, Bailes, Festas e Carnavalescas	Shows (inclui Prévias Carnavalescas)
Eventos Religiosos e Beneficentes	Eventos Religiosos
Assembleias e Reuniões	Assembleias e Reuniões
Eventos Desportivos	Eventos Desportivos *
Eventos Infantis	Festas Escolares *
1. Principais Usos Divergentes	
Década de 1950	2016
Cinema	Aniversários *
Concursos de Beleza	
Biblioteca	
Jogos de Tabuleiro	

* As atividades marcadas estão inseridas no gráfico do Capítulo 4 no item outros.

Identificando as similaridades entre as atividades, seriam aproximados os usos de festas, discotecas e bailes (incluindo os de carnaval) aos de show em 2016, pois tratam de atividades com predominância musical e muitas vezes com a contratação de bandas e outros conjuntos sonoros (Djs, Mcs etc). As atividades religiosas permanecem acontecendo, mas na década de 1950 havia um caráter beneficente mais explícito, estas atividades eram catalizadoras para obras de recuperação de igrejas, por exemplo.

As assembleias e reuniões nos anos 1950 tinham um caráter administrativo do Clube ou formativo, com palestras. Estas reuniões eram de sócios e para sócios, mesmo quando não eram reuniões administrativas do Clube, pois o público estava restrito aos mesmos. Enquanto em 2016 o caráter era de organização social com predominância para assembleias de sindicatos, conselhos e convenções partidárias.

Na década de 1950 os eventos desportivos tinham mais força, envolviam os esportes náuticos e corridas no Parque do Carmo, além de olimpíadas juvenis. Em 2016 somente uma atividade esportiva foi identificada, um torneio de Karatê. Nos anos 1950 as atividades infantis eram diversas: cinema, torneio de jogos, matinês, manhãs de sol, seções de cinema. Enquanto em 2016 podemos resumi-las às festas escolares. Os usos de cinema, biblioteca e concurso de beleza desaparecem. Apenas o uso para festas de aniversário acontece em 2016 e não é encontrado na década de 1950.

Analisando os dados coletados tanto no estudo da pauta de 2016 quanto na série histórica escolhida é claro o uso múltiplo do equipamento. Quando comparamos a série histórica do Boletim do Atlântico e a pauta de 2016 é notada também uma diminuição desta gama de diversidade no uso e a predominância de atividades com execução musical. Arrisco-me a provocar que a atividade musical se sobreporia ainda mais no caso da existência de teatros na região que suprissem a necessidade de auditório, especialmente nos usos de assembleias e reuniões e festas escolares.

Alguns dos usos extintos não fazem sentido na sociedade olindense atual, como é o caso do concurso de beleza e de jogos de tabuleiro, já outros encontraram abrigo num endereço bem próximo, como é o caso da biblioteca (a Biblioteca Pública de Olinda fica a poucos passos do Clube). Os usos esportivos, especialmente os náuticos podem ter se extinguido pela condição da balneabilidade da praia do Carmo, que perdeu sua faixa de areia com o avanço do mar iniciado na década de 1950. Já os de corrida, seguem acontecendo no Parque do Carmo, mesma antiga praça, que reúne boas condições para este uso mas já sem relação com o Clube Atlântico Olindense.

Pode-se ainda arriscar que os usos do Clube Atlântico, em suas diferentes épocas, tiveram relação direta e próxima com a vida social olindense. No seu surgimento e até a década de 1960 com a sala de estar e o público de sócios, na década de 1970 quando muda o nome para Forró Cheiro do povo e acaba atraindo a esquerda intelectual de Recife, nos anos 1980 com as Noites Olindenses, na década de 1990 com o Original Olinda Style e agora com a profusão de estilos musicais que se abrigam no pequeno palco esperando a brisa macia do mar.

Ora, se na década de 1950, com o Boletim do Atlântico o público do equipamento era restrito aos sócios, da tão falada sala de visitas, onde se pode identificar os presentes. Quando se percebe o público frequentador do Clube Atlântico através da comunicação de suas atividades, hoje feita de forma independente, caso a caso a depender de cada evento, conforme a confirmação e seção da pauta, pode-se verificar uma ampliação deste público.

Não se pode mais identificar quem estará no Clube Atlântico com a certeza de possuir uma carteira de sócios. Mais facilmente, pode-se ter uma expectativa, com base no público de rede social ou de pré-venda de ingressos. Uma descrição do público esperado hoje está relacionada diretamente com a programação proposta, diversificando-se de acordo com a atividade.

A ampliação do público do Clube Atlântico trouxe à frequência do equipamento um novo perfil de indivíduos, mais caracterizado pela multiplicidade de universos relacionados aos diferentes estilos culturais que circulam e usufruem da cidade histórica. Os novos usuários nem sempre se relacionam afetivamente ou possuem qualquer relação de identidade com o espaço urbano e seus equipamentos culturais.

Exemplo disto, pode-se vislumbrar na importante e sutil alteração no uso do nome do clube em peças gráficas de eventos nele situado, em que de “Clube Atlântico Olindense” o equipamento é constantemente referido como “Clube Atlântico de Olinda”. A mudança, aos olhos desta pesquisadora, tanto significa o não conhecimento e apropriação da história de Olinda e mesmo do Clube Atlântico, mas também a falta de identidade com o espaço. A alteração que transforma Olindense em de Olinda, mostra que o usuário atual nem sempre é de Olinda, mas vem a Olinda para vivenciar uma atividade de entretenimento e/ou de cultura.

Neste sentido, o uso privado de clube restringiu a diversidade de público, enquanto a democracia do uso e abertura da pauta proporcionada pelo uso público possibilitou o acesso de um novo público, mais diverso socialmente. Por outro lado, o uso público não foi capaz de preservar o caráter histórico e identitário do equipamento.

Este descompasso no pertencimento e identidade do Clube Atlântico também se mostra na manutenção e em alguns desafios à gestão. Comparando ainda as séries temporais, se o Boletim do Atlântico relata campanhas para arrecadação de material para a construção do Clube, vemos em 2016 relatos de furto de material, de mal uso das instalações elétricas, de falta de vigilância, entre outros problemas que se agravam pelo sentimento equivocado de que o equipamento público não tem dono, ao contrário do princípio geral de que o objeto público pertence a todos.

Trago seu amor de volta em 10 dias, diz o anúncio popular em lambe-lambes nos muros de Recife e Olinda. Mas bem seria interessante uma campanha sensibilizadora do público do Clube Atlântico, que fizesse conhecida sua história e resgatasse o sentimento de pertencimento com o equipamento. Desta vez mais amplo, não mais para um público restrito, mas para todo e qualquer público que venha a frequentar a casa. Trazendo o amor de volta, com o prazo mais longo e lento, como o despertar com sinos das igrejas em dias festivos na velha Marim.

Como um organismo vivo, provocado pelo não direcionamento da programação e democratização da pauta, atende tanto aos estímulos do mercado musical local quanto às atividades de menor impacto como as reuniões e atividades religiosas e festas escolares presentes no cotidiano da cidade. Não mais como sala de estar, mas agora como um dos principais palcos de Olinda, o Clube Atlântico Olindense “vence e marcha galhardamente”³. Na porta da subida para a cidade alta, dali ouvimos a toada linda do mestre Erasto Vasconcelos, falecido em 2016, “Afoxé, afoxé, Olinda mandou me chamar”⁴.

³ Boletim do Atlântico nº: 6. Ano I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1953.

⁴ VASCONCELOS, Erasto. Guia de Olinda. CD Original Olinda Style. 2002. Ed. Eddie.

6. Bibliografia

- BARRETO, Juliana Cunha. De Montmartre nordestina a mercado persa de luxo: o Sítio Histórico de Olinda e a Participação dos Moradores na Salvaguarda do Patrimônio Cultural. Recife: Universidade Federal de Pernambuco / Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2008.
- BELTRÃO, Luiz. Memória de Olinda. Centro de Estudos de História Municipal, Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, 1996.
- BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. Olinda, um Presente do Passado. Olinda: s/ editora, 2012.
- CYPRIANO, Fábio. O Banco de Dados do Itaú Cultural: Sobre o Passado e o Futuro. Revista Observatório Itaú Cultural n.º.13. São Paulo: Itaú Cultural, 2012.
- DIAS, Fabiano. O Desafio do Espaço Público nas Cidades do Século XXI. Artigo para Fórum Mundial. Barcelona, 2004. Disponível em: www.vutruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061.453. Acesso em: 13 de março de 2017.
- FREYRE, Gilberto. 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade Brasileira. 6ª Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Global, 2007.
- GARET, Françoise Taliano-des. As Metrôpolis Regionais e a Cultura - o caso Francês, 1945-2000. São Paulo: Iluminuras: Observatório Itaú Cultural, 2014.
- NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos do. ^[1]_[SÉP]Olinda: Uma Leitura Histórica e Psicanalítica da Memória Sobre a Cidade. Salvador. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2008
- NASCIMENTO, Luiz do. História da Imprensa de Pernambuco Vol. XIII, 1841-1954. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2002.
- POSNER, Roland. O mecanismo semiótico da Cultura, in: Comunicação na Era Pós-moderna. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.
- PHAELANTE, Renato. MPB – Compositores Pernambucanos – Coletânea bio-músico-fonográfica 100 anos de História. Recife: CEPE, 2015.
- RÜDIGER, Francisco. Cibercultura e pós-humanismo; Exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPCRS. 2008.

VASCONCELOS, Erasto. Original Olinda Style. Direção pela própria banda, Guia de Olinda, Olinda, Produção Independente, 2002, CD, 42 min.

YÚDICE, George; RINCON, Omar. A Amplitude da Fala será a Realização da Diversidade Tão Desejada Desde os Anos 1980?. Revista Observatório Itaú Cultural nº 20. São Paulo: Itaú Cultural, 2016.

FONTES PRIMÁRIAS

Bairro Novo em Revista – nº. 1. Ano. I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1953.

Boletim do Atlântico nº: 1 a 6, Ano I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1953.

Boletim do Atlântico nº: 4. Ano IV. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1956.

Boletim do Atlântico nº: 7 e 9. Ano V. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1957.

Jornal Cidade Alta nº: 10. Ano I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1967.

O Veranista nº: 05. Ano I. Acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães. Olinda. 1915.

FIGURAS

Figura 1: Antônio Oliveira, Carmo em Olinda, década de 1930. Disponível em: <https://www.panoramio.com/photo/112679445#>. Acesso em: 13 de março de 2017.

Figura 2: Acervo Secretaria de Patrimônio e Cultura. Olinda. 2011.

Figura 3: Google Street View, Clube Atlântico Olindense. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/01/06/um-dos-locaismais-movimentados-do-carnaval-de-olinda-clube-atlantico-e-interditado-266075.php>. Acesso em: 13 de março de 2017.